

O COMUNISTA

ÓRGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração

RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 r/o

Composição e Impressão

TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

A tropa multidão

O proletariado nunca conseguirá triunfar se não conseguir a defeção duma parte do exercito. As armas poderosas da razão e da justiça, devem ser cousa muito boa para os nossos liricos anarquistas, mas que para nós, os comunistas, que queremos da verdade a Revolução, para nada servem e nada significam.

As Revoluções fazem-se com armas na mão. E' preciso conquistar essas armas, pondo os soldados do nosso lado.

A propaganda anti-militarista dos anarquistas é uma burrice de marca maior. Não é com vinagre que se apañam moscas. O odio que ali vemos escabujar contra a tropa, tem tanto de contraproducente como de anti-humano.

O que é um soldado, um policia... um guarda republicano? Um paria, um miseravel. Saído do seio do povo, ele é povo. Como vós todos, operarios de qualquer profissão, ele tem miseria em casa, quando lhe é permitido ter casa e ter mulher.

A tática a seguir para com a tropa não é a do insulto e a da pedrada. Uma tal attitude só pode conduzir a desastres certos. Com homens armados, com um bom comando, aniquilam a maior multidão.

E' preciso, em vez do insulto e da pedrada, falar ao sentimento desses parias, lisongear-lhes, captá-los. Viva o exercito! Os soldados também são povo! Isso são as palavras que se devem empregar nas manifestações populares. Nenhum homem gosta de ser insultado e apedrejado e é natural que se repita a aggressão com aggressão. Por debaixo de cada farda está um homem. Consideremos o homem para captar o soldado.

Nas manifestações de ruas ha sempre bebados e desvariados prontos a cometer os excessos acima apontados. Pois bem, comaradas: é preciso calar a murro as bocas que insultam e torcer os pulsos aos que visam a tropa com pedras.

O nosso objectivo não é pôr a tropa contra nós — e a isto conduz a atarabiar e o insciente propaganda anarquista — o nosso objectivo é pôr a tropa do nosso lado.

Sem conseguirmos isto é inutil supor possível o triunfo da nossa Revolução.

Os anarquistas na Russia

Na Russia ha muitos jornais que, em plena liberdade, defendem o credo anarquista. Muitos anarquistas do que escrevem nestes jornais participam na administração publica por intermedio dos Soviets, onde exercem a sua sciencia e influencia. Anarquistas categorizados, como Kaledine e Gay, fazem parte do Comité Executivo Central do congresso pan russo, onde o poder soberano da Russia sovietista.

Tudo isto é ou devia ser conhecido dos anarquistas de todos os países, pois não é já a primeira vez que os anarquistas russos a que vimos fazendo referencia toem feito esclarecimentos na imprensa internacional.

Apareceu nos agora a A. I. T., vulgo o Albergue dos Invalidos do Trabalho de Berlim, com uma choradeira sobre a sorte iniqua dos anarquistas russos que gemem nas prisões, choradeira a que A Batalha de 6 do corrente dá o maior relevo.

Já o mesmo havia succedido com o proe anarquista Maeno que não era fardo senão um bandido da pior espécie. Pois Maeno respondeu ha

A JORNADA DE FEVEREIRO

Massas minorias

Camarada redactor:

Trabalhador consciente, vivendo no campo entre trabalhadores agricolas, conhecendo as suas ideias e as suas necessidades, eu não venho apenas expôr o que penso do momento actual (isso pouco importava); não venho tão pouco expôr o que pensa a Comuna a que pertencio ou o povo da minha aldeia. Julgo com as minhas palavras interpretar os sentimentos e interesses de milhares de trabalhadores rurais e de camponeses pobres.

Isolado do mundo pelas dificuldades de comunicação, é com sofreguidão que eu leio os jornais operarios da cidade.

Grande foi a minha alegria ao ler a reportagem da jornada de 22 de Fevereiro em Lisboa. Finalmente! O povo de Lisboa, que há muito não dava sinal de si, acordou do seu letargo. Atravez da reportagem dos jornais eu via, adivinhava a alma revolucionaria do povo passar terrivel, vingadora, pelas ruas da capital!

Aos outros dias corri ao cotidiano operario.

Decepção!... Palidos artigos: ... é preciso que o povo se defenda!...

Um bacharel dizia num desses artigos, pouco mais ou menos isto: Se os republicanos não encredem por outro caminho... se o regimen não emenda... etc., etc.

Bom, disse comigo, estes anarquistas ainda concebem soluções dentro da republica burguesa! Parabéns à Republica.

Um jornal operario, A Internacional, diz porcer-lhe onçada a afirmativa de que a grande maioria dos que tomaram parte na manifestação tivesses exteriorizado a aspiração intima, profunda e consciente ou não, duma revolução com caracter social.

Admitamos. O peor é que, logo em seguida,

tempo no tribunal militar de Varsovia, onde foi absolvido e restituído à liberdade. Porque seria que os anarquistas deixaram de glorificar o seu Asnos? Por isto: provou-se documentadamente no seu julgamento que Maeno não tinha tal contrariado os interesses da Polonia nas suas tentativas de dominio sobre a Ucrania, mas, pelo contrario, ofereceu os seus servicos de espionagem contra a Russia.

E agora são os anarquistas, pela pena de Luiz Fabri, que repudiam Maeno, o bandido.

O que ha na Russia com respeito aos anarquistas?

Ha isto simplesmente. Eles exteriorizam na sua imprensa o seu lunaticismo inofensivo sem que ninguém lhes vá à mão. Mas succede tambem que diversos armazens e comboios toem sido assaltados e roubados sendo presos os seus autores que se confessam anarquistas.

E' evidente que o governo sovietista não pode tratar piedosamente um tal anarquismo, o que não é de admirar, porque os anarquistas como Kaledine e Gay não querem a menor solidarijidade com estes prestimosos companheiros.

E' certamente o que succederá cá e em toda a parte e mal de nós se assim não fosse.

E não se admire A Batalha. Nós tambem já tivemos destes idealistas no P. C. P. mas tivemos a coragem de os pôr ao fresco.

Podrá A Batalha dizer a mesma coisa?

N. Lenine

Os comunistas e os camponeses

deita um grande balde de agua fria na fervura.

E ao finalizar, diz o articulista:

«Não nos devemos fazer nada? Perguntar-se ha. Inegavelmente que devemos fazer alguma coisa. Ha para nós dois caminhos: Um, que é privativamente nosso, e que se desde já não pode ter um valor eficiente, constitue entretanto o solidio alicerce sobre o qual se devem estribar todas as futuras açoes revolucionarias e os orgãos da futura gestão proletariana. Queremos-nos referir à consolidação da organização sindical e ao seu complemento pela criação dos conselhos de fabrica, officina, etc., além da criação de todas as outras formas de organização complementar, algumas já estudadas, mas todas ainda na fase de simples aspirações.

O segundo caminho, — continuamos mantendo o nosso ponto de vista anterior — visto que não temos ainda devidamente montados os nossos quadros, nem convenientemente agrupadas e concentradas as forças proletarianas, consiste quanto a nós em não nos precipitarmos, em ganharmos tempo, em não nos abalancarmos precipitadamente por uma offensiva, mas sim, em mantermos no plano duma defensiva enérgica com todos os que têm interesses identicos a defender o simplesmente no ambito desses comuns interesses.

Sim, tudo isto e mais alguma coisa: Clamar, gritar bem alto a esses 100.000 esfomeados de 22 aos outros 100.000 ou 200.000 que ficaram em casa, a todos os que nesta terra vivem mal, que da republica burguesa nada há a esperar, que o mal não é dos homens é do regimen, que só a Revolução Social, a abolição violenta do direito de propriedade, o amagamento da burguesia como classe, a posse do poder politico pelos trabalhadores em armas, o desaparecimento de fronteiras fiscaes, podem permitir que o problema comeece a ser resolvido.

Camaradas, não receiem usar uma linguagem revolucionaria porque o povo não teme a Revolução.

A attitude viril, a linguagem verdadeiramente revolucionaria do orgão do P. C., causaram nesta pecaota aldeia uma impressão que não se descreve, mas que se sente.

Presos por engano

Transcrevemos do Diario de Lisboa de 25 de Fevereiro o seguinte dialogo travado na Camara dos Deputados:

O sr. Sá Pereira chama a attenção do sr. ministro dos Estrangeiros para o facto, que reputa grave, de continuarem presos em Sevilha dois operarios portugueses que, por qualquer motivo, se tornaram suspeitos ás autoridades hespanholas.

O sr. dr. Domingos Pereira declara que esses operarios não podiam, de modo algum, ser considerados elementos perturbadores, porque são contra a revolução comunista, acrescentando que realçou já as suas demarchas junto do governo hespanhol, no sentido de conceder a liberdade aos dois operarios portugueses.

A Batalha nega que o dr. Domingos Pereira tivesse feito esta declaração. A verdade é que non A Batalha nem o ministro dos estrangeiros mencionam o Diario de Lisboa.

Em má postura colocou o dr. Domingos Pereira o anarco-sindicalismo, desmascarando a sua obra anti-revolucionaria perante as massas operarias.

Diplomata desastrado o atual ministro dos estrangeiros. Que necessidade tinha ele do pateniar publico e raso

O trabalhador rural, que recebe ao fim da semana 42 escudos e que tem que comprar o pão a 16 o alqueire, quero a Revolução, quero a terra que o grande lavrador tem inculta, numa consciente sabotagem da produção.

Os camponeses não toem espirito revolucionario?

Não toem, quando não lh'o incutem.

Saiba o P. C. falar sempre a linguagem da verdade, auscultando bem a opinião publica de Portugal e canalizando no sentido da posse do poder politico todos os vagos desejos de uma vida melhor, todas as vontades, todos os embrêos de revolucionario que a fome gera em cada trabalhador, e a Revolução será um facto.

Saibam os comunistas organizar de baixo para cima a frente unica offensiva.

Que o Partido Comunista se dirija directamente ás massas sem fazer caso de chefes e doutores.

Que o Partido Comunista saiba conquistar as classes médias proletarizadas, fazendo-lhes ver a comunidade de interesses que elas toem com o proletariado.

Que o Partido Comunista, emfim, considere a Revolução, não como a obra do partido, mas como a obra de todos os trabalhadores.

Estou certo de que será escutado e seguido.

Comunistas! Que as nossas palavras de ordem sejam:

Pela ditura dos operarios, dos camponeses pobres e dos soldados!

Pela Republica dos Conselhos de operarios, soldados e camponeses!

Abaixo a propriedade privada.

Viva a Revolução Social!

Sobral de Adiga, 2 de Março de 1924.

AUGUSTO MIRANDA

Secretario da Comuna Leizine

os servicos que prestam aos governos os anarco-sindicalistas, combatendo a Revolução comunista?

E' além disso uma ingratidão, porque os anarco-sindicalistas — essa justiça lhe fazemos — nam dinheiro recebem pelos seus servicos, que são dos mais prestimosos.

Para estimular o anarco-sindicalista contra a Revolução comunista basta-lhes o odio sectario, a sua falencia de espirito de realiação. Conheçemo-los demasiadamente para os podermos avaliar.

A negativa de A Batalha é simplesmente desastrada porque o que disse o Diario de Lisboa foi reproduzido em todos os jornais e vâ-lo-hemos no Diario das Sessões que está a imprimir.

De resto, aborçamos o sr. Sá Pereira que confirmou a afirmação do Diario de Lisboa.

Negar para quê? Pois não ha de feza mais intelligente?

O que é isto?

A Batalha de 7 de Março inseria em grossos caracteres e em logar de destaque os seguintes dizeres:

Circulam boatos que marcam para breve assaltos aos estabelecimentos e a solução dum movimento revolucionario extremista.

Quem pretendia A Batalha atingir com esta denuncia?

Em A Batalha, porta-voz da organização operaria portuguesa, não ha quem conheça elementarmente os fundamentos teoricos do sindicalismo.

Parceio um absurdo mas é uma verdade facilmente demonstravel. No seu numero de 8 do corrente e sob o titulo Revolucionarios por cotas transcrevia A Batalha o seguinte trecho do nosso jornal:

«A massa não está preparada para quê? Para aprofundar a doutrina comunista? E quem pensou em levá-la a esse ponto? Que a massa se mostre disposta a agir, que ela consista em se deixar guiar pelo Partido Comunista, eis tudo o que podemos exigir della.

E comenta assim o porta voz da organização operaria portuguesa:

«A massa escusa de saber o que é a doutrina comunista. Limita-se a fazer da almiria obedecendo à roda do cecheiro, que é o Partido Comunista, para puchar a charreta vermelha da Revolução Mundial.

A Batalha julgando que se benzia quebrou o nariz. Não é o Partido Comunista que sae desancado com esta reprimenda, é o proprio sindicalismo, no que ele tem de fundamental. O sindicalismo não se baseia teoricamente em principios democraticos como pretende A Batalha, que revela uma ignorancia profunda do que é sindicalismo. O sindicalismo é a afirmação viril dos direitos das minorias conscientes. E' espantoso que A Batalha, orgão da U. G. T. patenteie um desconhecimento tão completo dos principios sindicatistas.

Ora oiga A Batalha os teoricos do sindicalismo. Começemos por Pouget, na sua exposição do funcionamento dos sindicatos em A Confederação geral do trabalho:

«Para as questões de ordem geral e não previstas, é a assembléa que compete decidir, estas decisões são soberanas e validas qualquer que seja o numero dos pontos presentes. Nesta disposição se manifesta a divergencia de principio que separa o democraticismo e o sindicalismo.

O primeiro é a manifestação das maiorias inconscientes, que se pelo exercicio do sufrágio universal se solidarizam para abafar as minorias conscientes, em virtude do dogma da soberania popular. A esta soberania oppo o sindicalismo os direitos dos individuos, importando-se apenas com as vontades expressadas por eles. Se as vontades manifestadas são pouco numerosas, é para lamentar, mas não é uma razão para que sejam esmagadas sob o peso das inconscientes; é por isso que os indiferentes, só pelo facto de terem deacurado formular a sua vontade, toem de aquiescer ás deliberações tomadas. E isto é tanto mais normal quanto eles alienaram todo o direito de critica pela apatia e resignações.

Griffuelhes não é menos eloquente que Pouget, em A acção sindicalista:

«... dizem que a maioria basta para transformar o estado social. Do mesmo modo a conquista revolucionaria do poder, não necessitaria ser um ato unanime de todos os trabalhadores. Dem e outro lado ha de haver sentença arrastada por usinas e esguitandose as consequencias da conquista. E creiam que é assim que todos pensam, porque de contrario, podia-se esperar pelo ano 50.000 para alguma coisa se fazer.

A revolução, seja qual for o seu estaculo, não pode ser feita por todos. Uma minoria, que os nossos esforços de propaganda e de acção tendem a congregar, suscitará o movimento revolucionario, cuja necessidade cada um ha de sentir.

E' diffil vincar melhor o principio das minorias conscientes em opposição ao falso e enganador principio da soberania popular de que A Batalha, com uma inconsciencia doutriniaria apavorante, se arvora em defensora.

Não ha duvida. Nós é que somos burros e não percebemos nada disto. Em questão de principios e doutrinas A Batalha é o que se vê, uma sabichona...

A comuna de Paris

Passou no dia 18 do corrente o 53.º aniversário da Comuna de Paris, onde houve muito de heroico sacrificio, de generosidade e de desespero da população de Paris reduzida à miséria extrema por virtude da guerra com a Prussia.

Sem contar que o capitalismo não havia ainda atingido o seu periodo de crise irremediavel não houve a necessaria ligação com os camponeses e, sobretudo, a Revolução não teve a condizancia um Partido organizado e educado numa disciplina severa.

Os organismos locais sobrepunham-se ao organismo central, dando uma confusão e um choque de resoluções que deviam conduzir inevitavelmente à derrota.

Não houve tambem a audacia revolucionaria que levasse à posse dos bancos e dos principais instrumentos de dominio da burguesia.

A Comuna — diz Trotsky, esse grande perito da Revolução — mostra-nos o heroismo das massas operarias, a sua capacidade para se unir num só bloco, o seu desinteresse e sacrificio pelo futuro, mas mostra-nos tambem a sua incapacidade para escolher o verdadeiro caminho, a sua indecisão na direcção do movimento, a sua tendencia fatal para se deter depois dos primeiros successos, permitindo assim ao inimigo o refazer-se e restabelecer as suas posições.

Na Federação Comunal de Lisboa realizon, na noite de 18 de março, uma palestra o nosso camarada Carlos de Araujo.

Os dois anarquistas desaparecidos

Lemos na *Dalaha* que a Federação Metalurgica aprova uma proposta para se perguntar ao P. C. P. o que é feito de dois anarquistas russos cujo paradeiro se desconhece.

Ainda não recebemos o officio da Federação Metalurgica, mas apreciamos-no de melhor grado a satisfazer a sua curiosidade.

O desaparecimento dos dois anarquistas aludidos preocupa-nos há muito, tanto como os camaradas da Federação Metalurgica. E por isso insistimos com o nosso informador do Moscow, o camarada Sannicoff, para que nos dissesse com urgencia e detalhadamente o destino dos sobreditos anarquistas.

Eis a versão que nos dá do desaparecimento que tanto nos preocupa:

Em 10 de Janeiro do corrente sou a cidade de Fanchionoff fui despertado com o cantar meliflo de dois jovens que vinham da guarda.

Os bolcheviques estremunhados assomaram à janella e vendo que se tratava, elles não gostam do rapazes, voltaram tranquillamente ao sono interrompido.

Os guardas chinoses — na Russia há muitos e fortes guardas chinoses para escolta dos magnatos bolcheviques — é que não foram da mesma opinião e atiraram-se aos rapazes como gato a tofe, peapando-os de cobeludo.

Decididamente, aquillo na Russia não corre bem. E se nós nascermos para lá o nosso importante Joaquim Charroco com o seu famoso projecto de organização social a indrettar aquilo?

Propaganda comunista

Com larga concorrência de povo realizou-se no passado domingo, pelas 16 horas, em Torres Novas, um comicio de protesto contra a carestia da vida e ditadura militar.

O comicio, que se effectou no recinto denominado S. Sebastião, teve a presidência o camarada Santos Pecoqueiro, falando em primeiro lugar Carlos Marques, delegado do Partido Comunista, o qual se espraia em varias considerações e aconselhando o proletariado a ingressar nos seus sindicatos e comunas.

A seguir falou Pereira de Sousa, secretario geral da Federação Comunal do Santarém, o qual faz tambem considerações acerca da ditadura fascista e da carestia da vida.

Abel Pereira, do Partido Comunista, aconselha o povo a organizar-se, demonstrando a vantagem que os trabalhadores tem em reclamar o salario real e passando em revista o que tem sido o capitalismo desde epochas longinquas até ao presente.

Após o comicio, ao qual concorreram delegados das comunas de Barquinha, Etroncamento, Golegã, Brogueira, Alcochorel, Ribeira Branca e Alcanena, assi tiram tambem muitos elementos da classe media, sendo no final tirada uma subscrição pro presos comunistas.

Em Vila Franca de Xira realizou-se no dia 15 uma sessão de propaganda comunista em que falaram Abel Pereira e Carlos Marques.

OS FUNCIONARIOS PUBLICOS

Fartos de mendigar melhoria de situação, os funcionarios publicos, reunidos em assembleia magna, resolveram ir até á greve se o governo, como até aqui, não se resolver a tratar de facto da sua situação.

Nem a grande imprensa nem o governo negam a razão que assiste ao funcionalismo publico para reclamar melhoria de situação. Um 3.º officio, se os seus vencimentos fossem actualizados em função do preço das mercadorias, teria hoje, em referencia aos seus vencimentos de 1915, o vencimento mensal de 1.300.000. Pois tem apenas 530.500. Funcionarios civis e militares são hoje os mais autenticos párias da sociedade portuguesa. Como vivem? Sabem-se lá! É a tragedia munda da pobreza enverganhada.

Há quem argumente que, apesar do funcionalismo ter razão, este não deve exigir do Estado impossiveis, pois este não pode pagar sem criar as receitas indisponiveis.

O funcionalismo nada tem que ver com a situação do Estado, que boa ou má, não é da sua responsabilidade e attribuições. O Estado é um patrio como qualquer outro, que não pode gozar do privilegio de ter empregados a quem não pague devidamente.

Diz-se ainda que a situação nefanda do Estado é devida ao aumento do numero dos funcionarios.

Se não demais não o sabemos, mas o que é verdade é que não foram eles que se nomearam a si mesmos. No entanto e, apesar de ser maior o numero dos funcionarios, o Estado gasta hoje com eles menos de metade do que gastava em 1914, pois, na verdade, neste ano, o pagamento dos vencimentos do funcionalismo absorveu 3.675.000 libras ao passo que os vencimentos actuais absorveram apenas 1.350.000 libras.

O que sairá da grove do funcionalismo publico? É uma classe que, na sua maioria, não tem habitos nem disposição de luta.

Um dos oradores da assembleia magna, o sr. Eugenio Vieira, defendeu a peregrina doutrina de que o funcionalismo não podia nem devia entrar na C. G. T., porque a C. G. T. é um organismo oposto ao Estado e o funcionalismo tem de ser um dos seus melhores esteiros. Em compensação, o sr. Eugenio Vieira entendeu que o funcionalismo faria bem em apoiar-se ao P. R. O. sr. Vieira teve coatião de ver que não era o seu criterio o que mais agradava á assembleia.

Mas a verdade é que a assembleia era constituída pela minoria activa do funcionalismo e a maioria essa é muito capaz de pensar pela cabeça do sr. Vieira.

O funcionalismo tem o apoio decidido do pessoal dos hospitais civis e do professorado primario.

Como os telegrafos-postais e os funcionarios militares e ferroviários do Estado estão em condições identicas não será difficil estabelecer a necessaria ligação e...

Mas a greve do funcionalismo é a debaixo do proprio Estado, lamuria o *Diario da Noticias*. Pois que seja!

Quê vá para o Diabo e Estado burguez.

Se o funcionalismo se arreceia de atirar com o Estado a terra escusa de fazer greve, que vá para o Diabo tambem com a sua miseria, com o seu medo e a sua miopia.

P. S. — A greve foi declarada na terça feira á tarde.

Club Desportivo «Os Vermelhos»

Com este titulo fundou-se uma agremiação desportiva, tendente á pratica de varios ramos do sport, excepto box, luta e esgrima.

A correspondencia deve ser dirigida para a sede da Comuna «Karl Marx», rua Cidade Liverpool, 6, 4.º E.

GALANBA & RAMOS

SAPATARIA

Rua Fernandes da Fonseca, 88

(Em frente da Caixa do Teatro Apolo)

Expandido Calçado

PARA

homem e senhora

Valerio, Lopes & Ferrelira, Lim.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada

parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para moveis

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras, circulares e de fua, etc.

100 | STREVA, FERRAGENS

84, R. do Amparo, 36 — LISBOA

Doctrinas aceitaveis

Foi sob esta epigrafe lisongeira que o nosso colega A Luz appreciou e commentou os trabalhos do Congresso Comunista.

O nosso illustre colega discorda dalgumas das nossas afirmações. Assim, por exemplo, diz A Luz, não houve diminuição do poder de compra mas depressão no poder de produção.

É facil demonstrar que houve uma e outra coisa porque são problemas conexos. Os lucros, as accumulacões de capitais, são resultantes do trabalho. Quem acumula não é evidentemente quem trabalha por um salario, mas quem explora o trabalho do outro. Ha quem suponha estar hoje mais rico do que ha dez anos. Os bancos, na sua maior parte, so reduzem a ouro as suas disponibilidades, ver-se-hão desfalcados em importantes somas.

Mas ha outro exemplo mais evidente do nosso empobrecimento. Em 1914, a nossa circulação fiduciaria era de 72.000 contos. Com a libra a 4680 correspondia aquella circulação a 15 milhões de libras. Hoje temos 1.350.000 contos para montante da circulação, o que com a libra a 455.500 dá exactamente 10 milhões de libras. Diminuiu ou não o nosso poder de aquisição? Desde que se restringa a capacidade de produção restringe-se consequentemente o poder de compra, porque o ouro só se obtém contra mercadorias que ouro valem.

Para A Luz é incompreensivel que o comunismo só seja possível depois de se atingir um estado de superprodução. E diz que os comunistas contrariam a sua concepção. É elementar que nas atuais condições de produção não ha a menor possibilidade de estabelecer o sistema comunista da distribuição, que é o consumo á vontade. Todo o nosso esforço é conduzido neste sentido: — produzir muito para distribuir muito. É claro que condenamos a politica da elevação dos preços pela destruição das mercadorias, que é um produto de um crime do capitalismo.

A lei da concorrência? É a guerra. O comunismo é de sua natureza internacionalista. Tende a estabelecer um sistema economico unico, sem barreiras fiscaes e sem concorrência. Mas uma coisa é o sistema comunista e outra o sistema transitorio. Não se vai dum salto do sistema capitalista ao sistema comunista. No periodo transitorio subsistem inicialmente muitas formulas do capitalismo que se vão successivamente extinguindo e apagando. Se através dos seculos nós vimos assistindo a um alargamento e desenvolvimento dos serviços comunistas — estradas, pontes, jardins, museus, etc. — porque não admitir que o proletariado, na posse do poder, acerre e precipite a comunicação dos serviços?

A questão agraria? A Luz discorda da divisão das terras e das razões que as motivam. Nós não podemos talhar uma sociedade segundo a nossa imaginação. Temos que basear-nos em factores positivos e verificáveis. Mas, repetimos: o usufruto pessoal da terra não é de modo algum um principio de comunismo. Além disso não estabelecemos o usufruto pessoal como norma geral. A Luz tem razão quando diz que não é a divisão das terras o que melhor serve ás tentativas de industrialização da agricultura. Mas não dissemos nós isto mesmo?

O que se dá com a terra dar-se-ha com a industria e o commercio, cujo estado de pulverização impossibilita a socialização imediata. Uma coisa é o que se pretende e outra o que as circumstancias impem. Muitos dos principios de 1789 só tiraram definitivamente nos nossos dias.

Decididamente, os factos não se realizam com a mesma presteza da nossa concepção.

Sapataria Lusitana

— DE —

Candoso & Oliveira

Calçado para homem, senhora e criança

Encorrega-se de todos oestrabalhos por medidas

Empregam-se as melhores materias primas, nacional e estrangeiras

20, R. Palais de S. Bento, 20 — LISBOA

N. LENINE

Os comunistas e os camponeses

Preço 1850 — Pelo correio 1850

Pedidos a Mario Correia da Silva,

rua do Conde das Antas, 54.

A proxima Revolução

Não tem conto as vezes que tenho pensado nestas coisas e por mais voltas que dá á imaginação não encontro outra saída, outra solução, outra formula que não seja a Ditadura do proletariado.

Porque, meus amigos: os proletarios na sua maioria não são sindicatos e especialmente os rurais. E ainda mesmo dos rurais associados só uma infima minoria é que compreende, em parte, o que é uma associação de classes e os fins para que a dita organização foi criada.

Isto é incontestavel; nada de fantasia.

Os rurais não estão sindicalmente preparados para uma revolução, sem ditadura, parts de onde partir.

E a demonstrá-la está a sua propria situação.

São elles que auferem os mais infimos salarios e suportam a maior jornada de trabalho diaria, em relação ás outras classes.

É claro que se estivessem aptos já ha muito se haveriam entendido e assim obrigarão o patronato a equiparar os salarios com o custo da vida mas, infelizmente, o patrão paga aquilo que lhe dá na gana e não o que lhe deve pagar.

E então tendo nós pela frente mais de metade dos trabalhadores do país em estado de desorganização entendo eu e muitos outros camaradas que se não pôde evitar a ditadura do proletariado.

E porque o que acabo de expôr é a pura da verdade, pôz conheço muito bem a organização rural e a psicologia dos seus componentes, sou de paecer que a proxima Revolução tem ser feita e defendida fóra dos sindicatos por estes não se encontrarem aptos a effectu-la.

Vila Franca.

Francisco Dias

Trabalhador rural

Vida partidaria

Federação Comunal de Lisboa. — Realizou-se no dia 11 do corrente, na sede deste organismo, a reunião das comissões administrativas das comunas, faltando apenas a comissão administrativa da comuna d'Arcoz, resolvendo encetar immediatamente importantes trabalhos de propaganda partidaria.

Reunião na terça-feira passada a nova comissão administrativa que ficou assim constituída: Secretário geral, Carlos de Araujo; secretario adjunto, Armando Martins; tesoureiro, José Rodrigues; secretario administrativo, Joaquim Rodrigues; administrador, José da Mota Amorim.

Resolveu inaugurar brevemente a bandeira da Federação para o qual realizou uma sessão solene, onde falou use da palavra varios militantes comunistas.

Comuna Karl Marx (Arrotes). — Reunião a assembleia geral para tratar de varios assuntos partidarios, tendo resolvido nomear delegados á conferencia regional. Foram nomeados: Manuel Guilherme de Almeida, Adriano de Figueiredo e Antonio Marques.

Oppoz-se da venda ilegal do folheto «O rei e os anarquistas», promovido pelo operario barbeiro José Faria, filiado no Partido Comunista, recebendo officio ao Comité Executivo, pedindo a irradiação do citado individuo.

Oppoz-se tambem da situação de um preso comunista entregue ás autoridades militares.

Resolveu promover uma sessão de propaganda na area da comuna e realizar um beneficio, cujo produto se destina á propaganda a encetar.

Aprovou o modelo de uma bandeira para a comuna.

A comissão administrativa reuniu na proxima quinta-feira e as assembleias gerais ordinarias realizar-se-hão nas primeiras sextas-feiras de cada mes.

Comuna Neno Vasco. — Por deliberação da comissão administrativa desta comuna, na sua ultima reunião, reuniu todas as quintas-feiras, pelas 20 horas, na sede da Federação Comunal.

Antigo Restaurant Frado

R. da Evrta Seca, 34, 36 e 38 (ao Camões)

LISBOA

ALEXANDRE ROSADO é o novo proprietario deste antigo estabelecimento.

Participa a todos os nossos leitores que tem a sua casa completamente remodelada, razão para que todos a prefiram

Cosinha retintamento portugueza

Servico por lista. Jantares e lanches para casamentos.

PENSIONISTAS: Recebem-se a preços módicos. Accão Economica!

Toda a correspondência para o P. C. P. deve ser dirigida a J. Carlos Martins, travessa de Tourojo, 3.

Os trabalhistas no poder

O governo trabalhista, para proporcionar o cecção a desempregados, pediu na Camara dos Comuns autorização para construir cinco novos cruzadores.

O partido liberal combatu esta proposta demonstrando que a Inglaterra é incontestavelmente a primeira potencia naval, que a proposta é contraria ás decisões dos congressos internacionais que tem pugnado pela restrictão dos armamentos e propondo que em vez de cruzadores se construassem casas operarias.

Que formidavel choque! Como é sabido os trabalhistas foram para as eleições com um programa ousado. Entre as diversas reivindicacões do Labour Party figurava o imposto sobre o capital.

Pois ha dias o mte Ramsay Macdonald declarou que o governo trabalhista estava impossibilitado de aplicar o imposto sobre o capital porque não contava com a maioria parlamentar.

Mas se o Labour Party não podia dar execução ao seu programa porque teve pressa em aceitar o poder? Não previa que aceitar o poder em tais condições era correr a um suicidio?

A verdade é que existe já uma esquadra com 43 deputados no Labour Party. O movimento sindical, por seu lado, caminha para uma, cada vez maior independencia.

Com o fracasso dos trabalhistas ganham terreno o Partido Comunista e a organização sindical autonomista. O Labour Party — e isto é o mais importante — precipitará com a sua queda a da II Internacional, de quem era o sustentaculo.

Carestia da vida

Promovido pela comuna de Barcelona, secção do Partido Comunista Portuguez, realizou-se amanhã, domingo pelas 15 horas, uma sessão publico sobre este momento assunto, no qual farão uso da palavra os militantes comunistas Carlos de Araujo, Raul Lavado e Carlos Marques.

Para esta sessão foi distribuido um bem redigido manifesto que aconselha os trabalhadores a agir com a terrivel situação economica e a ingressarem nos seus organismos de classe.

Por Beja

Nesta cidade, como por toda parte, ha tambem quem tendo pobre e assalariado sinto um prazer enorme em perseguir trabalhadores. O fisco da Camara de Beja, um tal Sanjaia rejubila de gozo quando despide um trabalhador que esteja sob as suas ordens.

É claro que se não trata de trabalhadores que queiram receber o salario sem trabalhar, o que justificaria a atitude do Sanjaia. Mas este assalariado da Camara, que é tambem um misero, forçado a viver com 400 contos mensais, não pode tolerar que entre os trabalhadores sob o seu dominio de olho do guarda do capitalismo algum haja que fale em emancipação social. O Sanjaia, como tantos outros pobres diabos, julga que o dominio do proletariado é exercido contra ele, humilde serventurio do poder burguez, que não tentará a coragem de defende-lo quando chegar a hora do aperto, que não vem longe.

M. M.

«A Rajada»

Por este meio se participa a todos os camaradas contribuintes que, em virtude de casos inesperados que surgiram á ultima hora, a publicação deste jornal ficou em parte suspensa, tendo o seu grupo editor falido em parte dos seus haveres á comissão central do Partido Comunista faltando apenas as importancias recebidas da cotização voluntaria.

Narramento se rega a todos os camaradas que tem em seu poder donativos, a fim de se enviar no mais curto prazo de tempo ao camarada Carlos Marques, travessa de Tourojo, 3, 2.º, a fim de evitar possíveis empecilhos.

OS MISERAVEIS

A obra monumental de Victor Hugo, editada e illustrada, a tomas de 450

A PECADORA DA GALILEIA

por René Emery

Pedidos a

Livraria Renascença

Joaquim Cardoso, Ltd.

Rua dos Poetas de S. Bento, 27 LISBOA